

Apresentação do Dossiê “Escritos de presos comuns: experiências transnacionais sobre a prisão”

Organizadores



Viviane Trindade Borges

Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis, SC – BRASIL
lattes.cnpq.br/7894211226879077
viviane.borges@udesc.br



orcid.org/0000-0002-7576-7789



Silvano Montaldo

Universidade de Turim
Torino – ITÁLIA
unito.it/persona/silvano.montaldo
silvano.montaldo@unito.it



orcid.org/0000-0003-0820-8730



<http://dx.doi.org/10.5965/2175180317442025e0100>

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento

Este dossiê propõe um mergulho nas experiências carcerárias tal como foram registradas pelos próprios sujeitos privados de liberdade. A partir da análise de escritos produzidos por esses indivíduos — cartas, petições, autobiografias, cadernos, poemas, confissões e até romances — os artigos aqui reunidos iluminam aspectos pouco explorados da história das prisões, abrindo espaço para vozes frequentemente silenciadas pelos discursos oficiais e pelas narrativas hegemônicas da justiça criminal.

Ao reunir pesquisas centradas em diversos contextos nacionais e períodos históricos, o dossiê parte de uma perspectiva transnacional e comparativa, atenta à circulação de modelos penais, teorias criminológicas e repertórios narrativos entre diferentes países. Ao mesmo tempo, reconhece a singularidade das trajetórias individuais e das condições locais de produção desses textos, que frequentemente foram apreendidos por agentes institucionais, arquivados em prontuários e/ou incorporados a processos criminais. Esses documentos oferecem uma janela privilegiada para compreender não apenas o cotidiano do cárcere, mas também as estratégias de subjetivação, resistência e negociação construídas em meio à violência estrutural da prisão.

Os escritos carcerários aqui analisados revelam uma pluralidade de temas e formas: relatos de injustiça e pedidos de clemência convivem com crônicas de fuga, expressões de fé, memórias de infância, descrições de tortura, críticas ao sistema penal e até mesmo textos de ficção. São documentos que desafiam a fronteira entre literatura, testemunho e confissão, e que exigem abordagens metodológicas interdisciplinares, situadas entre a história social da cultura escrita, os estudos da memória, a história das instituições punitivas e a crítica literária.

No artigo de Diego Galeano e Diego Pulido Esteva, propõe-se a reconstrução das biografias de dois falsificadores a partir do cruzamento de textos autobiográficos, entrevistas, artigos de jornais e arquivos policiais. O traço mais marcante das histórias de Albino Mendes e Enrico Sampietro é a extrema modernidade de suas trajetórias, marcadas pela mobilidade transnacional entre os mundos mediterrâneo e atlântico e pelo entrelaçamento entre indústria cultural e escolhas de estilo de vida, individualismo e massificação. O ensaio de

Clóvis Gruner reconstrói a trajetória de Abel Hamvultando, jornalista e poeta, cuja promissora carreira literária foi interrompida por uma condenação por homicídio, que lhe custou longa pena. Os escritos produzidos por Hamvultando na Penitenciária do Ahu visavam provar sua inocência e a existência de um complô contra ele. Mais tarde, com o apoio da mãe, que escreveu uma longa carta a um jornal, o preso denunciou as condições de brutalidade e violência existentes na prisão, que, segundo a retórica oficial, deveria ser um espaço de reeducação. Estudando a justiça juvenil, Franciele Becher demonstra de forma convincente a incapacidade das ciências da mente, na França do pós-guerra, de compreender o enorme impacto dos eventos bélicos e do Holocausto na vida das crianças. Em vez de oferecerem assistência voltada à superação dos traumas sofridos por crianças problemáticas, os psiquiatras utilizavam instrumentos conceituais inadequados, desatualizados diante das novas formas de violência contra civis e das consequências de longo prazo da guerra.

O artigo de Aurélio Britto analisa a relação entre contexto político e prisão comum. Ao deslocar o foco da investigação dos presos políticos — já amplamente estudados — para os presos comuns, o autor mostra como escritos jornalísticos que denunciavam os maus-tratos praticados pelo governo estadual de Pernambuco também repercutiram entre os presos comuns no final da Primeira República. Esses presos apropriaram-se da linguagem dos direitos e das denúncias da oposição política como forma de negociar melhores condições de vida. Diante da inércia do novo diretor enviado pelo governo revolucionário, os presos comuns iniciaram formas violentas de oposição ao regime prisional.

Por fim, o artigo de Fernando Salla e Marcos Alvarez analisa os escritos do ativista Abdias Nascimento durante seu encarceramento na Penitenciária do Estado de São Paulo, entre 1943 e 1944. Ao lado do testemunho de práticas disciplinares violentas, castigos arbitrários e da denúncia de injustiças, o texto revela a experiência de Abdias como observador e interlocutor dos demais presos, a quem deu voz para narrarem suas histórias e percepções sobre o cárcere. A obra constitui um importante documento histórico da prisão brasileira no período, ao registrar as reformas promovidas por Flamínio Fávero e a criação do Teatro do Sentenciado, mostrando a prisão como espaço de produção cultural e política.

Um eixo fundamental que atravessa os artigos do dossiê diz respeito às condições materiais e simbólicas de produção desses escritos: onde e como se escrevia na prisão? Quem eram os interlocutores visados — juízes, diretores, familiares, leitores imaginários? Em que medida a escrita se tornava uma prática de sobrevivência, de reivindicação de direitos, ou mesmo de "regeneração" diante das autoridades? Em muitos contextos, os próprios dispositivos disciplinares da prisão incentivaram a produção textual como parte de um projeto de vigilância e correção. Nesse sentido, o dossiê também se debruça sobre os usos institucionais desses documentos: como as administrações penitenciárias e os saberes criminológicos — em especial os de orientação positivista — utilizaram os escritos dos presos para construir perfis, reforçar estigmas e alimentar a figura do “delinquente nato”?

Por fim, ao atravessar os escritos de presos de diferentes origens — portugueses, brasileiros, franceses, mexicanos, entre outros — o dossiê evidencia uma crítica mais ampla às condições sociais, políticas e econômicas que antecedem o aprisionamento e que moldam a experiência carcerária. Ao longo dos textos, emerge a denúncia de um sistema que, em diversas épocas e geografias, tratou as populações marginalizadas com desprezo, desconfiança e brutalidade, negando-lhes o bem-estar mínimo e qualquer perspectiva real de reintegração. A escrita, nesse cenário, aparece como gesto de humanidade e afirmação de existência.

O dossiê convida, assim, a refletir sobre a prisão a partir de dentro — não apenas como espaço de punição, mas como lugar de produção cultural, disputa simbólica e resistência. E reafirma o valor dos arquivos da repressão como espaços férteis para o exercício da escuta e da crítica histórica.